

# Après-Coup

Guy Clastres

Tradução de Sylvana Clastres

E preciso dar a Cesar o que é de Cesar, e à Deus o que é de Deus.

Façamos nossas as palavras do Evangelho e saibamos dar a Lacan, o que nós lhe devemos. Saibamos reconhecer o seu imenso mérito em ter sabido extrair dos textos de Freud o «nachtraglich», ter sabido tirar deles as conseqüências doutriniais referentes ao sujeito e a sua topologia.

Porém, não esqueceremos a interpretação magistral de Freud sobre a neurose infantil do «Homem dos Lobos», interpretação esta que diz respeito, sobretudo, ao lugar e à função do famoso sonho.

Todos se lembram do desenho feito pelo «Homem dos lobos», já que sua reprodução continua a ser vendida na casa em que Freud terminou seus dias em Londres.

Lembremos o pós Freud, que é o sonho que exerce uma função traumática neste caso, já que ele oculta na cadeia de sua formação significativa o traço/a marca do encontro originário com o gozo - o gozo da famosa cena primitiva, que não é senão uma reconstrução do real suposto por Freud a partir de sua interpretação dos sonhos.

Este sonho encerra, portanto, um real, e é este real que Lacan, no *après-coup* da leitura de Freud, vai situar dando-lhe sua verdadeira interpretação, interpretação esta que Freud, por uma questão de tempo, não podia produzir, mas que estava ao alcance de Lacan que, de certa forma, tinha sabido fazer emergir e, em alguma medida, extrair **o olhar como objeto “pequeno a”**.

Desta forma, o sonho do « Homem dos Lobos » é o próprio **olhar do homem dos lobos** que fica para sempre fascinado pelo real sobre o qual ele se fixa: é o seu mais de gozo.

Lacan soube ler Freud no *après-coup* e soube dar ao « *nachtraglich* » freudiano sua importância topológica, tal como ela foi posta em ato na escrita do vetor retroativo da representação gráfica do texto: « Subversão do sujeito e dialética do desejo ».

É a partir desse momento que Lacan vai materializar na banda de Moebius o corte do sujeito em si. É preciso um tempo para que se faça no *après-coup*, o corte/a separação subjetiva da banda. E cada psicanalista pode reencontrar neste « *après-coup* » o encadeamento significativo no qual o avesso e o direito da banda inscrevem o saber e a verdade segundo uma estrutura onde em que o não-todo (*le pas-tout*) tem o controle.